

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O TRABALHO COM UM CONTO CLÁSSICO DA LITERATURA INFANTIL

FERNANDA CRISTINA RIBEIRO FARIA (UNESP- PRESIDENTE PRUDENTE).

Resumo

A presente pesquisa, em andamento, está vinculada ao programa de Pós-graduação da UNESP (campus Presidente Prudente) e à linha de pesquisa “Práticas educativas e formação de professores”. A leitura, principalmente de obras literárias, possui papel fundamental na formação do indivíduo crítico e reflexivo, permitindo-lhe entendimento do seu cotidiano vindo a contribuir com transformações sócio-culturais. Ainda, a literatura promove prazer e entretenimento, além de desenvolver a criatividade e a imaginação. Particularmente, nesta pesquisa, optamos por trabalhar com um conto clássico da literatura infantil por o julgarmos fundamental na formação deste leitor. Pensando na importância do papel do leitor no processo de leitura, optamos pela utilização do método “Estética da Recepção” proposto por Jauss (1994), com a finalidade de compreendermos como o leitor constrói o significado durante a leitura. A pesquisa pretende, ainda, ressaltar a importância do uso deste método na prática escolar, uma vez que permite uma abordagem metodológica diferenciada para o ensino da literatura. Tendo em vista que o método recepcional compreende o leitor como essência do processo dialógico com o texto, espera-se que a pesquisa em questão possa contribuir para ampliação da experiência leitora, bem como da biblioteca vivida por esse leitor. Acreditamos que com a finalização da pesquisa os resultados possibilitarão compreender valores, diferenças e semelhanças manifestadas pelas crianças por meio da recepção literária.

Palavras-chave:

Estética da Recepção, Ensino da literatura, Contos clássicos.

Introdução e Justificativa

Esta comunicação é fruto da pesquisa de Mestrado *A estética da recepção contribuindo para o ensino de literatura infantil: Uma experiência com o conto A pequena vendedora de fósforos em 4as séries do ensino fundamental* desenvolvida no programa de pós-graduação em educação da UNESP de Presidente Prudente e vinculada à linha de pesquisa Formação de Professores e práticas educativas.

Resulta ainda, de um curso de aperfeiçoamento, desenvolvido pelo grupo de pesquisa *Ciranda do Saber: Linguagens Literárias e Educacionais* coordenado pela professora Dr^a Ana Maria da Costa Santos Menin, que será oferecido aos professores da rede estadual de ensino fundamental e médio.

Atualmente estudos acerca da literatura tornaram-se frequentes, principalmente no que tange à literatura infanto-juvenil, gênero negligenciado por muito tempo. Reflexo disso é o espaço alcançado pelo gênero e o incentivo para a publicação de materiais voltados para o público infantil.

Contudo, muitos editores intencionando alcançar esse novo público têm disponibilizado todo tipo de material, de boa e de péssima qualidade.

Desse modo, a escolha da obra que deverá ser destinada às crianças torna-se uma lacuna. Com a quantidade de obras para esse público é natural que surja a insegurança quanto ao tema que mais se adéque ao gosto e aos interesses da criança.

Infelizmente a Teoria da Literatura, encarregada da análise crítica das obras literárias, não tem se debruçado sobre as obras de literatura infantil. Essa tarefa acaba ficando sob o encargo da Pedagogia ou da Psicologia.

Compreendemos que se faz necessária uma maior atenção da crítica literária no que diz respeito à literatura infantil e juvenil, sobretudo devido ao grande número de produções e lançamentos oferecidos atualmente pelo mercado livreiro.

Nas escolas o cenário não difere. Quando há um trabalho sistematizado com a literatura infantil, não há preocupação com o tipo de livro adotado. Logo, os professores errôneamente acabam adotando livros paradidáticos imaginando-os literários ou preferem utilizar trechos de textos literários presentes em livros didáticos.

Acontece que estes tipos de livros se preocupam com a função utilitária e pedagógica de um texto de forma a elucidar os conteúdos escolares ministrados em sala de aula, desprezando o caráter estético e artístico que apenas um texto literário pode alcançar.

Neste emaranhado de confusões paira a dúvida sobre o tipo de obra que deve ser selecionada.

• 1. A literatura infantil

A literatura infantil é uma poderosa aliada na formação de um leitor autônomo e crítico, por que "o livro estético (ficção ou poesia) proporciona ao pequeno leitor a oportunidade de vivenciar a história e as emoções, colocando-se em ação por meio da imaginação, permitindo-lhe uma visão mais crítica do mundo" (SANTOS; SOUZA, 2004, p.80) possibilitando, dessa forma, aquisição do hábito e, principalmente, o gosto pela leitura.

A literatura vai muito além de provocar as emoções e sentimentos, ela passa a ser vista como construção, como forma de "[...] *transformar ou enriquecer sua experiência de vida* [...]" (COELHO, 2000, p.29, destaque da autora) atuando sobre as mentes.

Contudo, o que presenciamos dentro dos muros das escolas brasileiras é a frequente utilização de materiais escritos com a finalidade educativa em detrimento ao uso preciso do texto literário, por meio do livro didático que traz trechos de livros literários descontextualizados, destruindo seu caráter estético e o que é pior relacionando-os a exercícios gramaticais. Paralelamente a aqueles, a presença de livros paradidáticos tentam inserir conteúdos escolares como facilitadores e colaboradores das atividades escolares.

Na visão de Cunha "Se tivermos de escolher entre um livro que apenas eduque e outro que só divirta a criança, não hesitemos: fiquemos com o que distrai." (CUNHA, 1970, p.35)

A falha ainda resulta da utilização de fragmentos de textos, de gêneros textuais curtos e da imprópria escolarização do texto formando assim um leitor acostumado à leitura breve de textos fracionados e desconectados do contexto da obra, comprometendo assim o seu entendimento. Observa-se ainda, que o ensino de literatura em geral está focado na história das obras e de seus autores.

Pode-se afirmar que "O ensino da língua portuguesa na escola de 1º grau padece de inúmeras doenças ou pragas, algumas já incansavelmente apontadas e discutidas, ainda que raramente curadas." (GARCIA, 1988, p.13)

O problema ainda soma-se à falta ou ao número reduzido de bibliotecas e salas de leitura que prejudicam o ensino da leitura e o desenvolvimento do hábito de leitura, pois muitas vezes a criança e, conseqüentemente, seus familiares só conseguem ter acesso ao material de leitura disponibilizado pelas escolas.

Com essas deficiências o ensino da leitura e, principalmente, da literatura fica prejudicado.

Como a leitura se dá principalmente no ambiente escolar o papel desta instituição se torna essencial na formação do leitor literário, logo é o local privilegiado para o ensino de literatura.

• 2. A estética da recepção como prática pedagógica

A escola deve objetivar a formação do leitor autônomo e crítico, para tanto se faz necessária a utilização de métodos de ensino diferenciado, pois, "[...] embora todos os métodos de ensino de leitura possam ter sucesso com algumas crianças, nenhum método tem sucesso com todas as crianças." (SMITH,1999, p.11)

Partindo desse pressuposto optamos por testar o método recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1993) e embasado na teoria da Estética da Recepção formulada por Hans Robert Jauss (1967), como prática pedagógica no ensino do texto literário: "o método recepcional é estranho à escola brasileira, na qual a preocupação com o ponto de vista do leitor não é tradição. Via de regra, os estudos literários nela tem se dedicado à exploração de textos e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista." (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 81)

Optamos por esse método porque a leitura só se concretiza quando passa a ser significativa para o leitor. Sendo assim, o método recepcional nos pareceu a estratégia mais eficaz para se alcançar esse fim, isto porque o leitor é a referência mais importante no processo de interação leitor - texto - autor.

Para o desenvolvimento da técnica Bordini e Aguiar (1993) afirmam que deve ser observado o *horizonte histórico*[1] do aluno, pois um texto pode diferir do horizonte que o leitor possui, surgindo assim a necessidade de se determinar os *horizontes de expectativas*. [2]

No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 83)

Assim, a seleção de um texto que não se afaste muito do horizonte de expectativas garantiria a sua modificação sem ocorrer grande distanciamento que poderia prejudicar o entendimento da obra.

Se a obra corrobora o sistema de valores e normas do leitor, o horizonte de expectativa desse permanece inalterado e sua posição psicológica é de conforto. (...) Por outro lado, obras literárias que desafiam a compreensão, por se afastarem do que é esperado e admissível pelo leitor, freqüentemente o repelem, ao exigirem um esforço de interação demasiado conflitivo com seu sistema de referências vitais. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 84)

Portanto, há a necessidade de se propor uma obra nova que possa instigar o leitor, mas que não esteja totalmente distante do horizonte de suas expectativas.

Ainda, é importante que o leitor esteja familiarizado com a estrutura, o gênero e a linguagem da obra. Por conta disto se faz necessário apresentar diversos textos.

"O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências de ruptura com os esquemas estabelecidos. Quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes, porque a excessiva confirmação de suas expectativas produz monotonia que a obra *difícil* pode quebrar." (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 85)

Segundo Bordini e Aguiar (1993) a determinação do horizonte de expectativas ocorre com a escolha de temas que contenham valores, ideologias e interesses do aluno. Isso é possível observando as atitudes manifestadas por eles, tais como posicionamento em relação aos assuntos abordados em sala de aula, tipos de leitura realizada, o modo como age em sala de aula etc.

A segunda etapa do processo consiste no atendimento do horizonte de expectativas que pode ser alcançado com a apresentação de textos que atendam aos aspectos valorizados pelo aluno. Nesta fase deve ser dada preferência a textos, mesmo que de tipologia textual diferente, que tenham boa aceitação para determinado aluno ou grupo de alunos.

Intencionando alcançar este objetivo selecionamos o conto *A pequena vendedora de fósforos* (2008) de Hans Christian Andersen. A escolha deste gênero textual decorre da atividade ser desenvolvida em uma 4ª série (do município de Presidente Prudente) série propícia para o trabalho com contos.

Com a apresentação do conto foi possível permitir a ruptura do horizonte de expectativas[3] dos alunos, pois estes estavam acostumados com a leitura de contos de fada com uma estrutura narrativa tradicional: com um final feliz. No conto em questão, o final surpreendente por causar o rompimento do horizonte de expectativas do leitor. Interessante chamar atenção para o fato de que, este rompimento não ocorre somente com o leitor infantil, mas com qualquer leitor.

Para que a prática pedagógica pudesse ter resultados profícuos era essencial que os alunos fossem questionados em relação a seus horizontes de expectativas. Isso ocorre quando o professor leva o aluno a refletir sobre seu próprio posicionamento em relação à obra. Dessa forma o aluno/leitor pode posicionar-se e ter uma atitude participativa que é esperada neste tipo de trabalho.

Propusemos como complementação ao trabalho inicial, uma segunda versão do conto *A menina dos fósforos* (1997), por sua narrativa ser a que mais se assemelhava ao conto original e por suas ilustrações terem um maior cuidado estético, e uma versão filmica produzida pela Disney.

A utilização dos diferentes tipos de textos possibilitou que os alunos fizessem comparações, percebendo e valorizando os aspectos de cada dos textos.

Esta atividade levou os alunos à ampliação do horizonte de expectativas que é alcançada quando lhe é permitido maior interação com o texto literário, formulando suas idéias, experienciando diferentes tipos textuais, comparando alterações praticadas entre os textos.

• 3. O perfil dos alunos

A prática pedagógica foi desenvolvida numa escola municipal da periferia de Presidente Prudente-SP. Selecionamos uma 4ª série com 28 alunos.

Inicialmente aplicamos um questionário para determinarmos o perfil dos alunos, bem como aspectos econômicos e culturais de suas famílias. Dos 28 alunos, 71% responderam ao questionário.

Dos alunos respondentes 82% têm 10 anos e o restante é um ano mais novo. Tem-se ainda 60% do sexo feminino e 40% do masculino.

Quanto à escolaridade dos responsáveis pelos alunos, 20% possuem o fundamental de 1ª a 4ª completo, 32% o fundamental de 5ª a 8ª incompleto, 24% o fundamental de 5ª a 8ª completo e dos familiares que possuem ensino médio 4% possuem incompleto e 20% completo.

A partir do questionário conclui-se que 81% dos entrevistados recebem até 3 salários mínimos os 19% restantes recebem até 5 salários mínimos.

Quanto aos hábitos de leitura e entretenimento da família dividimos em categorias específicas sendo elas: Assistir TV, Ler um livro ou uma revista, Conversar com amigos ou familiares, Ouvir música, Sair para distrair-se. Para respondê-las o aluno juntamente com seus responsáveis deveriam indicar a frequência com que realizavam tais atividades, que ficaram assim definidos:

Anexo 1

Quando inquiridos se gostavam de ler 82% afirmaram positivamente e quando questionados para qual finalidade liam 56% não souberam informar, 22% afirmaram que liam para adquirir conhecimento, 11% responderam que liam por que gostavam e 11% para edificação pessoal.

Esses respondentes deveriam indicar o tipo de material lido podendo escolher mais de um. 37,5% responderam que liam livros sendo 50% religioso, 25% didático e 25% romance; 29,2% liam revista das quais 60% eram HQ, 20% de temas

religiosos e os outros 20% de temas específico como por exemplo culinária, artesanato etc; 20,8% afirmaram ler jornais; 4% lêem textos prescritivos; 10% não definiram o tipo de material lido.

Os 18% que responderam que não gostavam de ler foram indagados quanto às razões: 50% responderam que preferiam realizar outras atividades como assistir TV ou ouvir música, 30% por que não possuem o costume e 10% afirmaram que a leitura era "chata" e os outros 10% não justificaram.

• 4. **A experiência com o conto *A pequena vendedora de fósforos***

Para o desenvolvimento da prática e para observar como se deu a recepção dos alunos com o conto *A pequena vendedora de fósforos* de Hans Christian Andersen distribuímos um livro do conto para cada criança. Primeiramente ela deveria olhar a parte externa do livro e então aplicamos um questionário antes da leitura para verificar qual a impressão inicial que teve do livro.

Ao observarem o livro 35% dos alunos apontaram que o livro deveria ser mais grosso, ou seja, que a história deveria ser extensa, 10% consideraram-no ideal e 55% não opinaram.

Quando questionados em relação ao que mais chamou atenção no livro 60% deixaram de responder, 25% informaram que foram as imagens, 10% o título e 5% o fato do livro estar encapado.

Ainda perguntamos se ao receberem o livro tiveram vontade de lê-lo. Majoritariamente, os alunos responderam que sim.

Finalizado o questionário os alunos levavam o livro para casa e tinham o prazo de uma semana para a sua leitura. Após esse prazo voltamos à escola e aplicamos um terceiro questionário para verificar como se deu a recepção do conto *A pequena vendedora de fósforos*.

Após a leitura 78,9% afirmaram que haviam gostado do livro e 21,1% haviam gostado "mais ou menos". Dos que haviam gostado do livro 55% afirmaram que a história era interessante e "bonita", 22,3% que as imagens contribuíram para aceitação do livro, 11,1% tinham gostado do título, 5,6% que foi fácil de entender e 6% não justificaram a resposta. Dos que indicaram que haviam gostado "mais ou menos" 20% justificaram que as imagens pouco nítidas influenciaram sua resposta, 20% que o vocabulário usado foi um complicador, 40% que o final do livro os havia desapontado e 20% não justificaram.

Perguntamos se eles gostariam de mudar algo no livro 31,8% alterariam as imagens, 27,2% o final para que a garota não morresse, 13,6% acham que não mudariam nada pois gostaram do livro como lhes foi apresentado, 9,4% o tamanho do livro, 9% acham que o vocabulário deveria ser diferente, 4,5% mudariam a parte que o pai bateria na garota caso voltasse para casa sem vender os fósforos e 4,5% não responderam.

Os alunos apontaram o que tinham gostado ou não no conto lido. Quando inquiridos em relação ao que haviam gostado 50% não responderam à questão, 27,8% afirmaram que o que mais agradou na história foi a imaginação da garota representada pelas imagens projetadas quando a garota acendia o fósforo, a 16,6% dos respondentes agradou o fato da menina ter ficado com a avó, 5,6% aludiram ao fato da garota ter ido para o céu. Quanto às respostas referentes ao que não

havia gostado tivemos 52,5% de não respostas, 42,1% apontaram a morte da garota e 5,2% que ela tenha ficado sozinha.

Finalizando o terceiro questionário perguntamos como gostariam que fosse a história do livro 77,3% não responderam à questão, 9,1% gostariam que ela conseguisse vender os fósforos para que o pai dela ficasse contente, 4,5% igualmente para três categorias de respostas 1) para que o pai da garota não batesse nela caso não vendesse os fósforos; 2) que não fizesse muito frio; e 3) que a garota não morresse.

Para darmos continuidade à atividade explicamos aos alunos como procederíamos a partir daquele momento contando a história em voz alta, fazendo a discussão coletiva que seria filmada e então apresentando um curtametragem referente ao conto que havia sido apresentado.

Como o estudo segue as determinações do Comitê de Ética as crianças não são obrigadas a participar das atividades e desde o princípio deixamos isso claro a elas. Como a discussão seria filmada precisávamos da autorização dos pais, parte dos alunos não trouxe os documentos afirmando que seus responsáveis não haviam permitido sua participação e outra parte que não gostariam de participar.

Sendo assim de uma classe de 28 alunos 10 deles decidiram continuar a prática. Feito isso levamos esses alunos para uma sala reservada e contamos outra versão da história lida por eles. Essa nova versão era rica em detalhes e com ilustrações bem chamativas, diferente da lida por eles.

Terminada essa fase achamos conveniente fazer uma discussão coletiva que permitiria apreender as idéias que os alunos tinham acerca do livro lido, facilitando a expressão da opinião própria visto que não tiveram êxito no questionário escrito. O debate de idéias se mostrou uma tática eficaz para estimular o aluno a refletir sobre os conceitos por ele formulados ao compará-los com os de outros alunos.

A discussão coletiva foi orientada por um roteiro de perguntas sobre o conto.

Por meio da discussão os alunos puderam se expressar melhor e expor suas idéias sobre o conto. Inicialmente os alunos se mostraram resistentes à discussão, mas aos poucos foram adquirindo confiança e conseguiram interagir bem.

Durante a discussão os alunos afirmaram que preferiram a versão lida oralmente pela pesquisadora, pois trazia mais informações e as imagens eram mais nítidas. Conseguiram principalmente perceber alguns detalhes (como por exemplo, o chinelo perdido pela garota) presentes no conto contado a eles que não faziam parte da versão lida.

Após a apresentação do filme eles foram inquiridos se preferiam a versão escrita ou a filmica e todos afirmaram que preferiam a segunda.

Terminada a discussão os alunos voltaram para a classe e para não prejudicarmos o restante da turma contamos a história como havíamos feito com o grupo participante e, em seguida, apresentamos o filme. Um fato ocorrido que nos chamou a atenção é que os alunos que haviam participado da discussão tinham se apropriado da história e se sentiam muito seguros ao falarem sobre a mesma.

Quando perguntamos à classe se haviam gostado da história e das diferentes versões que lhes foram apresentadas os que não haviam participado da discussão

se mantiveram ausentes, ao contrário dos participantes que interagiam com a pesquisadora.

Considerações finais

Pudemos observar que embora a maioria afirmasse que gostava de ler, esta por sua vez não soube apontar a finalidade para qual utilizava a leitura nem tampouco o tipo de material que consumia. Percebemos que há um discurso implícito de que é importante ler e um receio de assumir que a leitura não faz parte do cotidiano.

Detectamos ainda que a concepção de leitura de alguns é direcionada pela quantidade de páginas e não pelo conteúdo do material lido, mostrando certa incoerência com a importância dada à leitura.

Ao trabalharmos com a leitura dentro do ambiente escolar conseguimos provocar a ruptura do horizonte de expectativas dos alunos visto que quase a metade dos inquiridos não gostou do final dado a história porque este contrariava o tipo de final presente no horizonte de expectativas que possuíam.

Percebemos também que parte dos alunos não conseguia formular idéias sobre a imagem que faziam do livro, como observado nos altos índices de ausência de respostas.

Assim, pontuamos o nível de interpretação e desenvolvimento da escrita como Fraco/Insuficiente, Médio/Superficial, Bom/Consegue se expressar e Ótimo/Desenvolve bem suas idéias, para tanto consideramos o grau de conhecimento pertinente aos alunos dessa faixa etária. Observamos que 85% desses alunos apresentaram nível Insuficiente e 15% Superficial.

A pouca adesão à prática proposta pode estar atrelada ao nível de compreensão leitora que os alunos possuem, contudo pudemos perceber que os alunos que optaram por participar de todas as atividades propostas tiveram significativa melhora na compreensão do texto lido.

Referência Bibliográfica

ANDERSEN, H.C. **A pequena vendedora de fósforos**. Trad. Michèle Íris Koralek. São Paulo: Scipione, 2008.

_____. A menina dos fósforos. IN **Contos de Andersen**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORDINI, M.G; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1988. Série Novas Perspectivas.

COELHO, N. N. **O Conto de Fadas**. Símbolos, mito, arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

_____. **Literatura Infantil. Teoria - Análise - Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Literatura e Linguagem. A obra literária e a expressão lingüística.** 2 ed. São Paulo: Quíron, 1976.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil.* Teoria e Prática. 13 ed. São Paulo: Ática, 1994.

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau. Por uma outra leitura.** São Paulo: Edições Loyola, 1988.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação literária.** São Paulo: Ática, 1994.

SMITH, F. **Leitura significativa.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Ática. Série Fundamentos. 1989.

_____. Introduzindo a Estética da Recepção. IN CLEMENTE, E. (Org.) **Língua: Ciência, Arte e Metodologia. Homenagem ao Irmão Liberato.** Porto Alegre: Edipucrs, 1993. p. 87-91

_____. Hans Robert Jauss e a estética da recepção: contribuições aos estudos literários IN ROHDEN, V. (Org.) **Retratos de cooperação científica e cultural: 40 anos do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 147 - 156.

Endereço eletrônico:

<http://www.cirandadosaber.com.br>

[1] Termo usado por Bordini e Aguiar (1993) e se refere às perspectivas que um leitor possui, elas são formuladas a partir do conhecimento prévio (constituído durante suas leituras) que o leitor possui. Assim, há um conhecimento prévio da estrutura gramatical, da semântica, do vocabulário e, principalmente, do gênero adotado.

[2] O horizonte de expectativa se refere aos sistemas de normas, valores, conceitos, idéias e ideologias que um leitor possui.

[3] Para que haja a ruptura do horizonte de expectativas deve haver o contato com algo novo, passível de ser conhecido de forma a levá-los a experienciar novos textos que confrontem suas certezas. A leitura de uma obra nova provoca um distanciamento por parte do leitor e a conseqüente ruptura com seu horizonte de expectativa.

Com que frequência você costuma:

	Jamais	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
Assistir TV	0,0%	10,0%	0,0%	50,0%	40,0%
Ler um livro ou uma revista	10,0%	30,0%	30,0%	20,0%	10,0%
Conversar com amigos e familiares	0,0%	10,0%	0,0%	40,0%	50,0%
Ouvir música	9,1%	0,0%	27,3%	27,3%	36,4%
Ir a algum lugar para distrair-se	0,0%	11,1%	22,2%	44,4%	22,2%
Total	4,0%	12,0%	16,0%	36,0%	32,0%